

IMPERFEITO VERSUS PERFEITO EM DISCURSO REPORTADO

Agradecimento: Prefeitura Municipal de São Lourenço - Secretaria Municipal de Educação

Andréia Cristina de SOUZA (Unincor)

RESUMO: Através de testemunhos de diversas religiões, encontramos evidências lingüísticas que marcam o momento de hesitação, como a presença de verbos no pretérito imperfeito, que suscita dúvida e enfoca a possibilidade de continuidade de ações, começando no passado e podendo continuar no futuro. O perfeito suscita o não-habitual. Tem-se percebido que o uso de imperfeito é comum em expressões *dicendi* (de dizer) como prefácio da fala de Deus ou do Diabo. Já o perfeito marca a fala dos personagens reais da narrativa em construções de discurso reportado.

ABSTRACT: Through testimonies of several religions, we found linguistic evidences that mark the moment of hesitation, as the presence of verbs in the imperfect preterite, that it raises doubt and it focuses the possibility of continuity of actions, beginning in the past and could continue in the future. The perfect raises the no-habitual. We have been noticing that the use of imperfect is common in expressions *dicendi* (of saying) as foreword of the speech of God or of the Devil. Already the perfect mark the real characters' of the narrative speech in constructions of moderated speech.

1. Introdução

A cognição tem sido estudada com mais afinco atualmente, e através disso podemos perceber que ela aqui apresentada se compara aos estudos de Neuroteologia por instituir seres superiores existentes nas falas (Lingüística cognitiva) e seres superiores existentes no cérebro humano, transferidos na linguagem (Neuroteologia)...

A fala era vista, anteriormente, como um mero apêndice de nossa linguagem, mas hoje através dela podemos detectar inúmeras pistas (hesitação) que nos levarão a uma concepção mais valorosa e significativa acerca do pensamento humano e sua resposta no outro.

Por meio do estudo de relatos de cunho religioso, conhecidos como testemunhos, este trabalho se insere no projeto “Aspectos cognitivos e lingüísticos das narrativas fantásticas do Sul de Minas” por considerar tais testemunhos narrativas, que de alguma forma, expressam um momento fantástico.

O fantástico é a hesitação experimentada por ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural. (Todorov, 2004 p. 148).

Sob enfoque Lingüístico, Literário e Cognitivo segundo TUNER (1996) e FAUCONNIER (1997), através de relatos de cunho religioso (testemunhos), postulando-se que muitos dos elementos fantásticos compõem-se de contos tradicionais do gênero que têm fundamento na oralidade, que também fornece pistas gramaticais para o estabelecimento da hesitação do narrador – marca primordial para o estabelecimento do fantástico, segundo Todorov.

Segundo descrição da Gramática Normativa, há apenas três moldes lingüísticos de discurso reportado: direto, indireto e indireto livre. Todos eles são tratados como categorias coisificadas, fechadas e absolutamente estanques. Eis resenhado, no quadro a seguir, o que Cunha e Cintra (1985) escrevem sobre o discurso reportado:

2. Molde, características formais, características expressivas

Direto: narrador deixa a personagem expressar-se por si mesma, limitando-se a reproduzir-lhe as palavras como as teria efetivamente selecionado, organizado e emitido. Ocorre a reprodução textual das falas das personagens, que são chamadas a apresentar suas próprias palavras. Marcado geralmente pela presença de verbos *dicendi* e vicários, que podem introduzi-lo, arrematá-lo ou neles se inserir. Quando falta o verbo de enunciação, cabe ao contexto e a recursos gráficos (dois pontos, vírgula, aspas, travessão e mudança de linha) função de indicar a fala da personagem a força da narração em discurso direto provém essencialmente de sua capacidade de atualizar o episódio, fazendo emergir da situação a personagem, tornando-a viva para o

ouvinte à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas. Tais usos permitem caracterizar, com precisão e colorido, a atitude da personagem cuja fala vai ser textualmente e produzida.

Indireto: o narrador incorpora aqui, ao seu próprio falar, uma informação da personagem, contentando-se em transmitir ao leitor apenas seu conteúdo, sem nenhum respeito à forma lingüística que teria sido realmente empregada. Introduzidas por um verbo declarativo, as falas da personagem aparecem em uma oração subordinada substantiva, em geral desenvolvida. Pode ocorrer a elipse da conjunção integrante. Isso também pode se dar com a oração subordinada substantiva na forma reduzida. Pressupõe um tipo de relato predominantemente informativo e intelectual. O diálogo é incorporado à narração mediante uma forte subordinação semântico-sintática por meio de nexos e correspondências verbais entre a frase reproduzida e a frase introdutora.

Indireto livre: é uma conciliação do discurso direto com o indireto. Aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono. Pressupõe duas condições: absoluta liberdade sintática do escritor (fator gramatical) e completa adesão do narrador à vida da personagem (fator estético); aparece liberado de qualquer liame subordinativo, embora mantenha as transposições características do discurso indireto; conserva interrogações, exclamações, palavras e frases da personagem na forma por que teriam sido realmente proferidas. Permite uma narração mais fluente, de ritmo e tom mais artisticamente elaborados. Há um elo psíquico entre narrador e personagem. Para a apreensão da fala da personagem, cobra importância o papel do contexto, pois que a passagem do que seja relato por parte do narrador a enunciado real do locutor é muitas vezes extremamente sutil.

Quadro 1 - Discurso reportado segundo Cunha e Cintra

O “monólogo” é um diálogo interiorizado, formulado em “linguagem interior”, entre um eu locutor e um eu ouvinte. (Benveniste, 1989. p.87)

3. Imperfeito versus Perfeito

Após a coleta audiogravada de testemunhos de distintas religiões evangélicas, um levantamento das evidências lingüísticas foi realizado e percebemos a presença de verbos no pretérito imperfeito e perfeito no momento de hesitação.

Já na coleta de testemunhos religiosos percebemos as evidências de Imperfeito quando os falantes se referem às falas de Deus, Diabo e encostos e o Perfeito quando os falantes se referiam à pessoas comuns. A partir daí instaurou-se o nosso objeto de estudo.

4. Testemunhos

No primeiro testemunho, um membro da Igreja Assembléia de Deus aqui designado como PS relata a sua viagem à Freguesia do Andirá e os perigos nos quais Deus o Livrou.

No segundo testemunho, um membro da Igreja do Evangelho Quadrangular designado de M fala de seu contato com demônios, seu diálogo com esse ser e sua conversão a Deus.

No terceiro testemunho, uma membra da Igreja Universal do Reino de Deus designada como D relata sua vida com encostos, o sofrimento dessa convivência e sua conversão a Deus.

No quarto testemunho, um pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular designado de R fala do seu contato com Deus.

5. Imperfeito

Quando da referência à fala de Deus, Diabo e encostos.

F PS : - e Deus me **mostrava** os perigos que tem naquele lugar –

F PS: - naquelas visões que eu tinha Deus **mandava** que eu levantasse a minha mão –

F M: - porque o Diabo **falava** comigo –

F D: - porque eles (encostos) me enganavam e falavam que ia me matar –

F R: - porque Deus falava a todos os seus filhos ... -

Aspecto verbal é uma categoria sintática que descreve a estrutura temporal interna de uma ação, manifestando o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo (Cunha; Cintra, 2001).

6. Visão gramatical sobre o aspecto verbal:

O uso do imperfeito faz ver sucessivamente os diversos movimentos da ação, que, à semelhança de um panorama em movimento desenrola-se diante de nossos olhos: é o presente no passado. (Robert,2001).

7. Visão lingüística sobre o aspecto verbal:

O imperfeito suscita a dúvida e enfoca a possibilidade de continuidade das ações, começando no passado e podendo continuar no futuro. Reintroduzindo a ambigüidade. (Todorov,2004).

O imperfeito indica a irrealidade. (Câmara Jr., 1998).

O imperfeito, por exemplo, expressa fato passado, encerra também a idéia de duração, de contemporaneidade ou simultaneidade com outro. Já o próprio pretérito perfeito composto, apesar de indicar fato consumado, concluso, revela muito claramente a idéia de não continuidade da ação, desde certo tempo até o momento da comunicação. (Garcia,2002)

O pretérito imperfeito indica a irrealidade, é o menor comprometimento, distância, irrealidade. (Koch,2001).

8. Perfeito

Quando da referência à fala de personagens reais.

F PS: - mas o pastor me **chamou** no gabinete e **perguntou** pra mim –

F D: - e foi quando eu estava em casa numa madrugada e eu **ouvi** um testemunho na televisão como esse –

Visão lingüística sobre o aspecto verbal:

No perfeito não há dúvida, portanto não há ambigüidade... O pretérito perfeito simples indica o primeiro plano (ação propriamente dita) ... O pretérito perfeito simples é extremamente freqüente, tanto em textos do mundo comentado, como do mundo narrado. (Koch, 2001)

9. Por que isso acontece?

Tem-se percebido que o uso do imperfeito é comum em expressões *dicendi* (de dizer) como prefácio a entidades superiores e fantásticas como a fala de Deus, do Diabo e de Encostos. Já o perfeito marca a fala dos personagens reais, entidades humanas da narrativa em construções de discurso reportado.

De acordo com os pressupostos citados anteriormente, podemos dizer que o falante se utiliza do recurso imperfeito em sua fala para se descomprometer da veracidade dos fatos com o ouvinte. Ou seja, não existem concretude para o falante provar o diálogo com Deus, Diabo ou Encostos, então esse recurso é acionado.

Como também pelo pastor que utiliza desse recurso em seu discurso no púlpito da igreja e não pode provar essa veracidade e faz um monólogo, como se tivesse dialogando consigo mesmo e tentando provar a si mesmo que isso é verídico (contato com Deus, Diabo, Encostos) por falar sempre sem interrupções (como se estivesse sozinho).

O recurso imperfeito também é utilizado de forma sedutora para com o ouvinte, pois não se pode precisar da continuidade desse contato de diálogo com Deus, Diabo ou Encostos, mas o falante também não quer dizer que esse contato se acabou, então esse recurso é novamente acionado.

Quando o falante apresenta o imperfeito em sua fala é como se fosse um convite para que o ouvinte participe dessa experiência fantástica.

Já o perfeito indica o real, e o falante o utiliza para se referir a entidades humanas, pessoas reais, e não há desejo de participação na ação por parte do ouvinte porque falar com pessoas é uma prática corriqueira.

Então, quando o falante se refere a uma ação real, para indicar uma coisa feita, o fato consumado, utiliza o perfeito em sua fala.

10. Referências bibliográficas

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes. 1989.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. *Nova gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1997.
- Croft, W.; Cruse, A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004
- FARIA, Isabel Hub. PEDRO, Emília Ribeiro. DUARTE, Inês. GOUVEIA, Carlos A. M.. *Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 1996.
- GARCIA, Othom M.. *Comunicação em Prosa Moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 21. ed. Rio de Janeiro: FGV. 2002.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto. 2001.
- MACHADO, Anna Rachel. LOUSADA, Eliane. ABREU-TRADELLI, Lília Santos. *Resumo*. São Paulo: Parábola. 2004.
- MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática Pedagógica*. São Paulo: Saraiva. 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática. 1996.
- PERINI, Mário A.. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática. 2003.
- MATOS-ROCHA, L. F. *A construção da mimesis no reality show: uma abordagem sociocognitivista para o discurso reportado*. 2004. 254 f. Tese (Doutorado em Lingüística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ, 2004.
- SOUZA, Ana Lúcia Trindade. *As construções Assertivas Explícitas do debate político-eleitoral*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2004. Dissertação de Mestrado em Lingüística.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação*. São Paulo: Cortez. 2003.
- TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1939/2004.
- Apostila de Homilética